COLÓQUIO/Letras

ISSN: 0010-1451 - Página principal / Homepage: https://coloquio.gulbenkian.pt

Nicolau Tolentino humorista

David Mourão-Ferreira

Para citar este documento / To cite this document:

David Mourão-Ferreira, "Nicolau Tolentino humorista", *Colóquio/Letras*, n.º 168/169, Jul. 2004, p. 311-318.

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

121

NICOLAU TOLENTINO, HUMORISTA

DEPOIS do Abade de Jazente — de quem falámos na última emissão —, aqui temos outro poeta satírico (e este muito mais conhecido) do século XVIII português. Mas será realmente adequado considerarmos Nicolau Tolentino (visto que dele se trata) um poeta satírico? Tudo depende, é claro, do conceito que tenhamos de «sátira» e de poesia «satírica»... E ocorre-me, a propósito, a resposta que certa vez um aluno me deu, quando eu era professor do ensino secundário: tendo-lhe sido justamente perguntado o que era um poeta «satírico», o rapaz respondeu: «Um poeta que *s'atira* contra tudo aquilo que acha mau»... Tratava-se evidentemente de uma explicação muito caprichosa e muito pessoal; mas a verdade é que o rapaz não deixava de ter razão. E, a respeito de Tolentino, o que podemos é precisamente observar que ele não «*s'atira*» em geral contra as coisas com aquela «gana» (ou, melhor dizendo, com aquela indignação) que é tradicionalmente típica do poeta «satírico». Em vez de *s'atirar*, de «satirizar», Tolentino prefere habitualmente divertir-se — e divertir os outros — através de uma atitude de humor. Em suma: talvez seja mais justo (essa é, pelo menos, a minha opinião) considerá-lo sobretudo um grande humorista em verso.

Assim, a sua obra vale principalmente pela pitoresca e movimentada «galeria» de tipos; e ele mesmo desempenha o papel de *um* dos tipos dessa mesma galeria. Deste modo, quando fala de si próprio, quando se toma por modelo, não é decerto um retrato rigoroso e verosímil o que ele nos pretende apresentar. Por outras palavras, já Garrett o observou: «Começa sempre por casa, e primeiro se ri de si antes que zombeteie com os outros.»

Tratemos, portanto, de apreciar a obra de Tolentino como o gracioso esboço de uma «comédia humana» da Lisboa do século XVIII, e na qual o próprio Tolentino não será mais do que um comparsa, caricaturado com a mesma sem-cerimónia que emprega no desenho das outras figuras. A cada instante, ele se nos apresenta como uma pessoa necessitada, sem ter onde cair morta e que desde o berço não teve senão privações. Mas — antes de indagarmos se as necessidades, que a cada momento alardeia, corresponderiam ou não às suas reais necessidades — tratemos de observar que Nicolau Tolentino ergue, com esses elementos, um curiosíssimo *tipo* — o tipo do poeta necessitado e pedinchão, tão típico do nosso século XVIII — como se verifica neste trecho, suposta-

mente autobiográfico, de um «memorial» que enviou ao filho primogénito de Dona Maria I, o Príncipe D. José:

Entre faxas de pobreza
Meus tristes pais me envolveram;
Desde então, em crua empresa,
Contra mim as mãos se deram
A fortuna e a natureza.

Da terna mãe abraçado,
Fui em silêncio profundo
Com triste pranto banhado;
Já antevia que o mundo
Tinha mais um desgraçado.

Meu bom pai debalde quis
Enxugar-lhe o pranto ardente,
Que ela, alçando-me, me diz:
«Vem, ó vítima inocente,
De um amor casto e infeliz:

Toma os tristes cabedais,
Em que teu fado te lança;
Toma pranto e inúteis ais,
Entra na funesta herança
De teus desgraçados pais.»

Mas, senhor, é pouco aviso
Reais ouvidos magoar,
Mudar de estilo é preciso;
E se a dor me der lugar,
Unirei pranto com riso.

Se fôssemos analisar estes versos com o intuito de extrairmos deles segura matéria biográfica, encontraríamos «informações» que de modo algum coincidem com aquilo que sabemos de mais limpa fonte: o pai de Nicolau Tolentino de Almeida — o Dr. José de Almeida Soares, advogado da Casa da Suplicação — tinha sido pessoa quase abastada e, portanto, aquelas «faxas de pobreza», a que o poeta se refere, não corresponderiam à realidade. O que ele pretendia (e, por isso, se dirige ao Príncipe) era obter um lugar público, que o libertasse das funções de mestre de Retórica, para as quais não se sentia predestinado. Assim, o facto de sublinhar aquela sua pobreza imaginária tem, não apenas o fim de suscitar a piedade, mas sobretudo o objectivo de *divertir* o próprio Príncipe. E, mais adiante, fiel ao propósito já

exposto de «unir pranto com riso», trata de descrever as circunstâncias em que lhe fizeram o primeiro capote — um «capotinho» — com que pudesse ir à escola:

Depois que plano caminho
Já meu pé trilhando vai,
Pobre alfaiate vizinho
De um capote de meu pai
Me engendrou um capotinho:

Talhando a obra, maldiz
A empresa que lhe incumbiram,
Fez nigromâncias com giz,
Sete vezes lhe caíram
Os óculos do nariz:

Sua obra se consagre
No portal das Barraquinhas
Com grossas letras de almagre;
Tapou geiras, passou linhas,
Fez um capote e um milagre:

Colchete no cabeção,
Saí, novo Adónis belo,
Figa no cós do calção,
Carrapito no cabelo,
E um biscoitinho na mão:

Sobre sisudo galego,
Que vasa barril fiado,
Já aos trabalhos me entrego;
E, em triste pranto lavado,
À porta de um mestre chego.

E agora, em rápidos traços, o retrato do mestre-escola:

Entre medos e violência
Entrar no latim já posso,
E jurei obediência
A um clérigo, que era um poço
De tabaco e de ciência:

[...]

Era em gramática abismo,
Honrava o século nosso;
Porém de tal rigorismo,
Que pôs na rua o seu moço,
Por lhe ouvir um solecismo.

Entre o Jota e o I romano,
Que diferença se achasse,
Trabalhava havia um ano;
Obra que, se ele a acabasse,
Feliz do género humano!

Depois, segue-se a descrição da ida para Coimbra, das circunstâncias da partida, dos acidentes da viagem, das privações — reais ou imaginárias — que por lá passou, dos recursos e expedientes a que teve de lançar mão, da ausência de fundos em que o pai o deixava:

Enquanto a minha alma emprego
Nestas cansadas doutrinas,
À dourada idade chego
De ir ver as vastas campinas,
Que banha o claro Mondego.

Co'as cabeças mal compostas,
Vejo entre gostos e medos,
Mãe e irmãs à adufa postas;
Choviam cruzes e credos
Sobre as minhas bentas costas.

Já em rápidas carreiras
Calcava a real estrada,
Sem chapéu, sem estribeiras;
Já a catana emprestada
Cortava o vento e as piteiras.

Curta, embrulhada quantia,
Que ao despedir me foi dada,
Expirou no mesmo dia;
E fui fazendo a jornada
Quási com carta de guia.

Mas já vejo a branca fronte
Da alta Coimbra, fundada
Nos ombros de erguido monte;

Já sobre a areia dourada
Vejo ao longe a antiga ponte.

Povo revoltoso e ingrato
Dentro em seus muros encerra;
Em vão de adoçá-lo trato,
É um título de guerra
A chegada de um novato.

Pão amassado com fel,
E envolto em pranto, comia;
Levei vida tão cruel,
Que pior não a teria,
Se fosse estudar a Argel.

[...]

Gemer em segredo pude;
Que o bom pai, falto de meios,
Quanto cheio de virtude,
Só mandava nos correios
Novas da sua saúde.

Se tanto nos detivemos neste «Memorial a Sua Alteza», não foi, evidentemente, pelos elementos pseudo-biográficos que ele nos oferece, mas pelos traços típicos do estilo (ou da «escrita») de Nicolau Tolentino que este texto nos apresenta. Sob este aspecto, sim: trata-se verdadeiramente de um «auto-retrato»... E do auto-retrato de um poeta (mais um!) de quem não chegou até nós qualquer retrato. Mas será isso na realidade muito grave? O grande poeta e dramaturgo António Patrício escreveu um dia o seguinte: «Alguns escritores publicam os retratos nos seus livros. Ignoram, decerto, que a *vera-efígie* de um artista é o estilo.» Contentemo-nos, pois, no que se refere à «vera efígie» de Tolentino, com o seu estilo.

E esse estilo, extraordinariamente apto para descrever, em duas penadas, uma figura, uma situação, uma peripécia, utilizou-o sobretudo Tolentino para desenhar, com mão de mestre, os ridículos das modas do seu tempo. A este respeito, o seu trecho mais conhecido é aquele soneto em que se refere à moda dos penteados altos; e tão conhecido é ele que nem é preciso evocá-lo aqui. Em contrapartida, já valerá a pena recordarmos — porque não se encontra tão divulgado — este retrato de um peralta, que se contém numa das suas chamadas «sátiras»:

Veremos o vão paralta
Calcando importuna lama,

Que as alvas meias lhe esmalta,
Na esteira de esquiva dama,
Que de pedra em pedra salta:

Aos cafés iremos vê-lo
No mostrador encostado
Sobre o curvo cotovelo
Tendo à esquerda sobraçado
Gigante chapéu de pêlo:

Ali em regras de dança,
Com outros tais conversando,
Dirá que desde criança
Andou sempre viajando,
Que viu Londres, que viu França;

Que gastou grossos dinheiros;
Pois ver com sossego quis
Cidades, reino inteiros;
Jura que como em Paris
Nunca achou cabeleireiros:

Exalta os molhos franceses
Dos banquetes que lhe deram;
E balbuciará às vezes,
Fingindo que lhe esqueceram
Muitos termos portugueses:

Chamará à pátria ingrata;
Murmurará do governo,
Que do bom gosto não trata,
E consente que de inverno
Haja fivelas de prata:

Em dois minutos emenda
O mundo que vai perdido;
E quer que com ele aprenda
Em que quadra, e em que vestido
São próprios punhos de renda.

E, da mesma composição, vejamos ainda mais um trecho: a descrição da hora do chá, em casa de uma senhora pretensiosa e pelintra, com um rebanho de filhas casadoiras:

Pouco às filhas falarei;
São feias, e malcriadas;

Mas sempre conseguirei,
Que cantem desafinadas
«De saudades morrerei»:

Cantada a vulgar modinha,
Que é a dominante agora,
Sai a moça da cozinha,
E diante da senhora
Vem desdobrar a banquinha:

Na farpada mesa, logo
Bandeja e bule aparece;
Que mordais os beiços rogo,
Pois são trastes, que parece
Que escaparam de algum fogo;

Em bule chamado inglês,
Que já para pouco serve,
Duas folhas lança, ou três
De cansado chá, que ferve,
Com esta, a sétima vez;

De fatias, nem o cheiro,
Por mais que às vezes as quis;
Que o carrancudo tendeiro,
Cansado de gastar giz,
Já não dá pão sem dinheiro.

Por causa deste trecho é que se fala, ainda hoje, no «chá de Tolentino» (chá que já ferveu sete vezes...) quando se alude a qualquer assunto muito repisado... Mas o que importa ainda sublinhar é que Tolentino, sempre fiel aos temas da pelintrice, da escassez, da pobreza sua que se exibe e da alheia que se disfarça, atinge, de quando em quando, um registo muito mais grave, quase patético mesmo por debaixo do humor da superfície... Este é o caso do soneto dedicado ao cavalo moribundo (entenda-se: que está a morrer de velhice e de fome):

Vai, mísero cavalo lazarento,
Pastar longas campinas livremente;
Não percas tempo, enquanto t'o consente
De magros cães faminto ajuntamento;

Esta sela, teu único ornamento,
Para sinal de minha dor veemente,
De torto prego ficará pendente,
Despojo inútil do inconstante vento:

Morre em paz; que em havendo algum dinheiro,
Hei-de mandar, em honra de teu nome,
Abrir em negra pedra este letreiro:

«Aqui, piedoso entulho os ossos come
Do mais fiel, mais rápido sendeiro,
Que fora eterno a não morrer de fome.»

Apeteceria evocar ainda muitos outros textos de Tolentino. A dificuldade estaria só na escolha. Mas, por hoje, diremos, como o seu grande ilustrador do século XIX — Nogueira da Silva —, por hoje... acabou-se.